

O comércio de escravos para a capitania de Santa Catarina (1815-1826): Notas preliminares

Vitor Hugo Bastos Cardoso
vitorhgcardoso@yahoo.com.br

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: este artigo reflete sobre a província catarinense e seu abastecimento de escravos africanos. Como fontes primárias da pesquisa nos utilizamos dos registros dos despachos de escravos para os portos do sul organizados por João Fragoso e Roberto Ferreira e consultamos ainda bibliografias sobre o assunto. O objetivo prende-se em montar o panorama do circuito mercantil de escravos em Santa Catarina a partir do fluxo demográfico, entrada de escravos e da estrutura do mercado negreiro regional.

Palavras-chave: Santa Catarina; Escravidão; Mercado; Fluxo Demográfico

Abstract: This article reflects upon the province of Santa Catarina and its supply of African slaves. We used bibliographies on the subject and as sources the primary records of orders for slaves to the southern ports arranged by John Fragoso Roberto Ferreira. The goal is clamped on mounting the picture in the slave-trading circuit in Santa Catarina from the stream population, brought in slaves, and the structure of regional slave market.

Keywords: Santa Catarina; Slavery; Market; Demographic Flow

The slave trade to the captaincy of Santa Catarina (1815-1826): Preliminary notes

Introdução

O tráfico negreiro veiculou a maior migração forçada de pessoas do mundo, conduzindo milhões de almas do território negro (África) para outras partes do globo. Entre esses lugares, podemos destacar o Brasil como sendo o maior receptor das “almas” advindas da África, se responsabilizando pela aquisição de mais de um terço do volume exportado de cativos provenientes do continente africano.¹ Esta passagem de milhões de pessoas para o outro lado do atlântico foi um dos elementos principais da construção e formação do Brasil.

Falar sobre a chegada dos africanos ao Brasil significa refletir sobre a aquisição de mão-de-obra dentro dos parâmetros da economia. O tráfico adquiriu no Brasil um papel fundamental na economia colonial garantindo seu principal fator de produção: a mão-de-obra escrava. O

¹ FLORENTINO, Manolo. *Em costas negras: uma história do tráfico atlântico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997; BETHELL, Leslie. *A abolição do tráfico de escravos no Brasil: a Grã-Bretanha, o Brasil e a questão do tráfico de escravos, 1807-1869*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1976 [1ª Edição 1974].



sistema escravista foi parte vital na economia colonial, uma vez que esta necessitava de braços para o cultivo de exportação.² Logo depois do início da implantação do sistema escravista na colônia, os africanos foram incorporados com seu trabalho à outras atividades econômicas. A produção de itens agrícolas de necessidade básica juntamente com a circulação comercial dos mesmos exemplifica um importante campo de uso de escravos.³

Algumas províncias no período colonial ganharam destaque devido à presença de cativos. Seja por que nelas residiram ciclos econômicos mais intensos e dinâmicos ou por se constituírem como principais centros distribuidores de escravos. Dentre estas podemos apontar (atualmente estados federativos): Bahia, Pernambuco, Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro. A Bahia e o Rio de Janeiro constituíram-se como cidades de enorme escravaria pelos dois aspectos citados acima, as outras apenas pelo primeiro.⁴

É notável dentro da história o envolvimento total do Brasil com a escravidão, o que corresponde a toda a sua área de extensão, formando um grande complexo escravista. Neste artigo refletiremos sobre o tráfico de escravos em uma dessas regiões parte do grande complexo escravista brasileiro: a Província de Santa Catarina.

Para falar do tráfico de escravos para Santa Catarina é importante ressaltar a falta de estudos específicos referentes ao tema. No desenvolver desta pesquisa, e na busca por bibliografia respeitante à escravidão nos territórios catarinenses deparamo-nos com este vazio historiográfico: a lacuna do circuito mercantil do tráfico de escravos para Santa Catarina.⁵ É sobre este circuito que tentaremos discutir e, para tanto, se fez necessário algumas estratégias.

Na tentativa de entender melhor o problema do tráfico para Santa Catarina, os estudos sobre o porto do Rio de Janeiro - principal importador e distribuidor de cativos africanos no Brasil e responsável pelo abastecimento de escravos na província catarinense - e estudos sobre outros mercados regionais de cativos contribuíram para elucidar esta questão.

Embora a historiografia catarinense tenha tratado o tema da escravidão de uma forma geral, isto dito por conta da falta de pesquisas mais consistentes, existem alguns trabalhos sendo desenvolvidos e outros já realizados, mas ainda inéditos, por pesquisadores que vêm tentando

² GORENDER, Jacob. *O escravismo colonial*. São Paulo: Ática, 1978 [2ª edição]. NOVAIS, Fernando. *Portugal e Brasil na crise do Antigo Sistema Colonial (1777-1808)*. São Paulo: Hucitec, 1989 [1ª edição 1979].

³ BARICKMAN, Bert. J. *Um contraponto baiano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

⁴ GOULART, Mauricio. *Escravidão africana no Brasil (das origens à extinção do tráfico)*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1950 [2ª edição].



preencher esse vazio, que é a escravidão catarinense na suas variadas faces.⁶ Tais trabalhos lançam uma nova luz de esclarecimento ao tema, fugindo à historiografia tradicional. Utilizamos alguns destes estudos a fim de ajudar esclarecer algumas questões do tráfico de africanos para Santa Catarina.

Outro recurso de apoio utilizado neste estudo foi o uso de fontes primárias e dados referentes à província catarinense e seu abastecimento de escravos. Usamos os registros dos despachos de escravos para os portos do sul, parte do *corpus* documental organizado por João Fragoso e Roberto Ferreira que foram financiados pelo IPEA.⁷

Desta maneira, e dentro de certos limites, tratamos de montar o panorama do circuito mercantil de escravos em Santa Catarina a partir de dois eixos importantes considerados: o fluxo demográfico, entrada de escravos; e a estrutura do mercado negreiro regional.

Tráfico de escravos para Santa Catarina

A escravidão em Santa Catarina está datada desde a passagem dos bandeirantes, período que corresponde ao século XVII. No entanto, só podemos considerar tal momento como período de inauguração de chegada da escravidão por conta do pequeno número de cativos existentes, os quais foram trazidos pelos próprios bandeirantes e por outros indivíduos envolvidos na empreitada da exploração e colonização.

O século seguinte carregou em seu decurso um aumento no volume de indivíduos na escravaria catarinense. Isto se deu pelo projeto político de colonização implementado pela coroa

⁵ CARDOSO, Fernando Henrique; IANNI, Octávio. *Cor e mobilidade social em Florianópolis*. São Paulo: Nacional, 1960; PIAZZA, Walter. *A escravidão negra numa província periférica*. Florianópolis: Garapuvu/Unisul, 1999.

⁶ PENNA, Clemente Gentil. *Escravidão, liberdade e os arranjos de trabalho na Ilha de Santa Catarina nas décadas de escravidão (1850-1888)*. Florianópolis: PPGHST/UFSC, 2005 [dissertação de mestrado]; ZIMMERMANN, Fernanda. *O Funcionamento da Armação da Lagoinha: Hierarquia do Trabalho e o Controle dos Escravos na Caça à Baleia (Ilha de Santa Catarina, 1772-1825)*. Trabalho de Conclusão de Curso. Florianópolis: UFSC, 2006; ZIMMERMANN, Fernanda; MAMIGONIAN, Beatriz Galloti. *Africanos entre açorianos: tráfico atlântico e trabalho escravo no Ribeirão da Ilha na primeira metade do século XIX*. Relatório Final PIBIC/CNPq. Florianópolis: UFSC, 2004; MAMIGONIAN, Beatriz G. *Africanos em Santa Catarina: escravidão e identidade étnica (1750-1888)*. Seminário Internacional “Nas Rotas do Império: Eixos Mercantis, Tráfico de Escravos e Relações Sociais no Mundo Português.” Rio de Janeiro, 2006; SCHEFFER, Rafael da Cunha. *Tráfico interprovincial e comerciantes de escravos em Desterro/SC (1849-1888)*. In: II Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, 2005.

⁷ FRAGOSO, João Luís; FERREIRA, Roberto Guedes. *Tráfico interno de escravos e relações comerciais centro-sul (séculos XVIII e XIX)*. Rio de Janeiro: Ipea/LIPHIS-UFRJ, 2001 [CD-ROM].



à Ilha de Santa Catarina e o litoral adjacente com a chegada dos açorianos.⁸ No interior, este aumento no volume da escravaria se deu por conta do desenvolvimento impulsionado pelo efeito do comércio e passagem de tropeiros e caixeiros viajantes nas vilas que se formavam.⁹

Nos setecentos a escravaria da província catarinense foi constituída por conta de envios e compras de cativos advindos de outras áreas mais envolvidas com a escravidão negra-africana, a exemplo do sudeste, e pela chegada dos cativos com seus respectivos senhores. É o que podemos supor, uma vez que não há informação a respeito da ligação da província de Santa Catarina com a África para aquisição de escravos africanos e nem estudos que detalhem de qualquer maneira as formas de chegada dos cativos.

Em fins do século XVIII, o porto do Rio de Janeiro se constituiu como o maior importador e distribuidor de cativos no Brasil, tido como o principal mercado de escravos. O Porto carioca, através da sua oferta de cativos, assumiu o papel de reprodutor físico do sistema escravista para diversas áreas do Brasil – da mesma forma que a África foi para o Brasil - incluindo a região sul, Santa Catarina.¹⁰

Desta maneira, podemos afirmar que a escravaria catarinense foi majoritariamente constituída por escravos advindos do mercado carioca. Embora não se possa desconsiderar um possível crescimento natural da população cativa já existente (processo de crioulização) no século XVIII¹¹ e a possíveis aquisições de escravos de regiões fronteiriças, como as províncias de São Vicente (São Paulo) e de São Pedro do Sul (Rio Grande do Sul), visto que, a existência da passagem de comerciantes, tropeiros e caixeiros pelo território catarinense era constante.¹² É importante ressaltar que essas províncias também dependiam do mercado negreiro carioca para o abastecimento de cativos.

Assim, o quadro de escravos de Santa Catarina foi montado em sua parte física pela oferta carioca e, em menor escala, de outras regiões – vale reiterar aqui que o porto do Rio de Janeiro garantia também distribuição de cativos para essas mesmas regiões. Sendo assim, a composição escrava, especificamente quando se tratando de escravos africanos, de Santa Catarina era a

⁸ CARDOSO, Fernando Henrique; IANNI, Octávio. Op. cit..

⁹ PENNA, Clemente Gentil. Op. cit..

¹⁰ FLORENTINO, Manolo. *Em costas negras...*, op.cit..

¹¹ MAMIGONIAM, Beatriz G. Op. cit..

¹² MARCONDES, Renato L. *Formação da rede regional de abastecimento do Rio de Janeiro: a presença dos negociantes de gado (1801-1811)*. In: Topoi. n.º 2, 2001.



mesma que a do Rio de Janeiro. Os africanos que por aqui passavam advinham das mesmas regiões e portos da África que chegavam ao Rio de Janeiro.¹³

Para efeito de comprovação e uma melhor análise, saindo de uma leitura *apud*, buscamos, como já dito acima, o auxílio de fontes sobre a ligação comercial de escravos entre Santa Catarina e o Rio de Janeiro. É essa uma parte do *corpus* documental referente aos passaportes e despachos de escravos para as regiões do interior e litoral brasileiro, emitidos pela intendência da Polícia da Corte do Rio de Janeiro. Foi analisado somente o que diz respeito à Santa Catarina, especificamente Desterro (Ilha de Santa Catarina).

Fizemos uma pequena triagem dos dados contidos no Códice 390 respeitante a Santa Catarina. Este códice trata da receita dos registros de despachos de escravos para os portos do sul e compreende o período entre 1815-1826.

Tabela de escravos enviados para Santa Catarina (12/1815-12/1826).

Escravos por envios	Envios	(%)	Escravos	(%)
1	209	59,5	209	13,7
2	58	16,5	116	7,6
3	19	5,4	57	3,8
4	9	2,6	36	2,4
5	9	2,6	45	2,9
6 a 10	12	3,4	91	6,0
11 a 20	17	4,8	271	17,8
21 a 30	7	2,1	173	11,3
31 a 40	6	1,7	219	14,3
41 a 50	1	0,3	46	3,0
Mais de 50	4	1,1	261	17,2
Total	351	100	1524	100

Fonte: ANRJ, Códice 390: volumes 1, 2, 3, 4, 5 e 6. Banco de Dados do IPEA.

Encontramos nesta amostra um número total de 1.524 escravos trazidos para Santa Catarina, sendo que este número em nada pode ser dado como absoluto para efeito dos envios de

¹³ FLORENTINO, Manolo. *Em costas negras...*, op. cit.



escravos feitos para esta província, pois parte desta documentação se encontra incompleta.¹⁴ Mesmo lacunar, os dados obtidos pelo Códice 390 permitem entender e levantar algumas questões referentes ao comércio de escravos para Santa Catarina.

A tabela acima mostra a chegada dos escravos pelo número e tamanho de envios. Foi adotada essa forma de tabulação para poder pensar sobre a estrutura do mercado negreiro regional de Santa Catarina. Como podemos notar, quase 60% dos envios levavam apenas um escravo e 29% de dois até cinco escravos. Isso revela que no comércio negreiro catarinense, para efeito de números, o que predominava eram os pequenos negócios, ou melhor, negócios que envolviam poucos escravos. Essas levas com escravos de um até cinco compreendem mais de 80% dos envios, mas são responsáveis por apenas 30% dos escravos negociados. O que permite afirmar que, mesmo assumindo um grande número de transações no espaço do mercado catarinense de escravos, os pequenos negócios não carregavam a maioria dos cativos. Já as levas com mais de cinco escravos correspondem a 13% do total dos envios e a 70% dos escravos negociados. O que possibilita assim dizer que, esses envios com mais de cinco escravos - uns até com 80 (número de compra significativo para uma região em que a escravidão sempre foi considerada como “urbana”, “doméstica” e “periférica”) – concentram o maior número de escravos enviados, ficando responsáveis pelo abastecimento de escravos para a província de Santa Catarina na sua maior parte.

Podemos supor, tendo em vista o trabalho do Gabriel Berute¹⁵ sobre a concentração do comércio de escravos para o Rio Grande do Sul que os pequenos negócios que envolviam um até cinco escravos eram realizados por pequenos comerciantes atraídos pelo lucro de tal ramo negreiro e que estes apareciam eventualmente no mercado de cativos. Muitas vezes a presença desses comerciantes nessa atividade mercantil era determinada pelas flutuações conjecturais do mercado colonial. Berute mostra que a maioria aparece apenas uma única vez comerciando escravos. Por outro lado, os negócios que envolviam mais de cinco escravos eram realizados por negociantes que, de alguma forma, exerciam suas atividades mercantis com certa estabilidade, visto que muitos desses, como aponta Berute, aparecem mais de uma vez comerciando escravos. Esses negociantes acabavam exercendo o monopólio do comércio de cativos.¹⁶ O comércio

¹⁴ Idem.

¹⁵ BERUTE, Gabriel Santos. *Dos escravos que partem para os portos do sul: características do tráfico do negreiro Rio Grande de São Pedro do Sul*. c.1790-c.1825. Porto Alegre: PPG-História/UFRGS, 2005 [dissertação de mestrado].

¹⁶ Idem.



negreiro era uma atividade que envolvia muitos riscos e capital e seus principais participantes estavam de alguma forma ligados à elite colonial regional.¹⁷

Interessante lembrar que o período que corresponde a esta análise do mercado negreiro catarinense é o do momento de estabilidade do tráfico atlântico de africanos. O que implica dizer que para tal período a oferta de braços africanos era constante.¹⁸

O código 390, utilizado na construção da tabela acima, não encerra suas informações somente quanto ao número de envios e escravos transportados para cá (Santa Catarina). Há também informações sobre quem os traz, ou melhor, quem negocia, quem compra e recebe os cativos e sobre as “peças” negociadas, os escravos.

Por conta do pouco espaço de tempo para o desenvolvimento deste estudo não foi possível analisar que tipo de escravaria se configurava na região em questão: se jovem ou senil, africana ou crioula, masculina ou feminina etc. Estas respostas ajudariam em muito para maiores esclarecimentos sobre a população cativa e a sociedade escravista catarinense.

Através do que foi exposto, mesmo que sendo diminuto, podemos observar que o campo de estudos sobre a escravidão negra-africana em Santa Catarina contém amplas lacunas, além de preconceitos cometidos por aqueles que na tentativa de lançar luzes interpretativas sobre o tema acabaram por ofuscá-lo, desconsiderando sua importância para a compreensão da sociedade catarinense, salvo aqui alguns trabalhos recentes baseados em fontes documentais e considerações sólidas.

Fontes e Referências

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *O trato dos viventes: a formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BARICKMAN, Bert. J. *Um contraponto baiano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BERUTE, Gabriel Santos. *Dos escravos que partem para os portos do sul: características do tráfico do negreiro Rio Grande de São Pedro do Sul, c. 1790-c.1825*. Porto Alegre: PPG-História/UFRGS, 2005 [dissertação de mestrado].

¹⁷ FRAGOSO, João L. Ribeiro, FLORENTINO, Manolo. *O arcaísmo como projeto: mercado atlântico, sociedade agrária e elite mercantil no Rio de Janeiro, c. 1790-c. 1840*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

¹⁸ FLORENTINO, Manolo. *Em costas negras...*, op. cit.



BETHELL, Leslie. *A abolição do tráfico de escravos no Brasil: a Grã-Bretanha, o Brasil e a questão do tráfico de escravos, 1807-1869*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1976 [1ª Edição 1974].

BOXER, Charles. *O império marítimo português 1415-1825*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BRITO, Paulo J. M. de. *Memória Política sobre a Capitania de Santa Catarina*. Florianópolis, Livraria Central, 1932.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *Nossa Senhora do Desterro: Memória*. Florianópolis: Ed. Do Autor, 1972.

_____. *A irmandade de Nossa Senhora do Rosário*. Florianópolis, Imprensa Oficial do Estado, 1950.

CARDOSO, Fernando Henrique. *Capitalismo e escravidão no Brasil Meridional*. São Paulo: Difel, 1962.

CARDOSO, Fernando Henrique; IANNI, Octávio. *Cor e mobilidade social em Florianópolis*. São Paulo: Nacional, 1960.

CONRAD, Robert Edgar. *Tumbeiros. O tráfico escravista para o Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

COSTA, Emília Viotti da. *Da senzala à colônia*. São Paulo: Brasiliense, 1989 [1ª Edição, 1966].

FLORENTINO, Manolo. *Em costas negras: uma história do tráfico atlântico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. *Tráfico, cativo e liberdade (Rio de Janeiro, séculos XVII-XIX)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FLORENTINO, Manolo e MACHADO, Cacilda (org.). *Ensaio sobre a escravidão (1)*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

FRAGOSO, João Luís Ribeiro; FERREIRA, Roberto Guedes. “Alegrias e Artimanhas de uma fonte seriada, despachos de escravos e passaportes da Intendência de Polícia da Corte, 1819-1833”. *Seminário de História Quantitativa*, UFOP, 2000.

FRAGOSO, João Luís Ribeiro, FLORENTINO, Manolo. *O arcaísmo como projeto: mercado atlântico, sociedade agrária e elite mercantil no Rio de Janeiro, c. 1790-c. 1840*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 2003 [1ª Edição, 1954].



GORENDER, Jacob. *O escravismo colonial*. São Paulo: Ática, 1978 [2ª edição].

GOULART, Mauricio. *Escravidão africana no Brasil (das origens à extinção do tráfico)*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1950 [2ª edição].

HÜBENER, Laura Machado. *O comércio da cidade do Desterro no século XIX*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1981.

KARASH, Mary. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*; tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MAMIGONIAN, Beatriz G. África no Brasil: mapa de uma área em expansão. *Topoi. Revista de História*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em História Social da UFRJ/7Letras, v. 5, n. 9, pp. 33-53, 2004.

NOVAIS, Fernando. *Portugal e Brasil na crise do Antigo Sistema Colonial (1777-1808)*. São Paulo: Hucitec, 1989 [1ª edição 1979].

OSÓRIO, Helen. *Estancieiros, lavradores e comerciantes na constituição da estremadura portuguesa na América: Rio Grande de São Pedro, 1737-1822*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1999 [tese de doutorado].

PENNA, Clemente Gentil. *Escravidão, liberdade e os arranjos de trabalho na Ilha de Santa Catarina nas décadas de escravidão (1850-1888)*. Florianópolis: PPGHST/UFSC, 2005 [dissertação de mestrado].

PIAZZA, Walter. *O escravo numa economia minifundiária*. Florianópolis/São Paulo: Editora da UDESC/Editora Resenha Universitária, 1975.

_____. *A escravidão negra numa província periférica*. Florianópolis: Garapuvu/Unisul, 1999.

PRADO JR., Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1942.

_____. *História Econômica do Brasil*. 26 ed, São Paulo: Brasiliense, 1981.

RODRIGUES, Jaime. *O infame comércio: propostas e experiências no final do tráfico de africanos para o Brasil (1800-1850)*. Campinas: Editora da UNICAMP/CECULT, 2000.

_____. *De costa a costa: escravos, marinheiros e intermediários do tráfico negreiro de Angola ao Rio de Janeiro (1780-1860)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

VÁRZEA, Virgílio. *Santa Catarina – A Ilha*. 2 ed. Florianópolis: Lunardelli, 1985.

ZIMMERMANN, Fernanda e MAMIGONIAN, Beatriz Galloti. *Africanos entre açorianos: tráfico atlântico e trabalho escravo no Ribeirão da Ilha na primeira metade do século XIX*. Relatório Final PIBIC/CNPq. Florianópolis: UFSC, 2004.

